

UM OLHAR SOBRE AS PRATAS DA COLECÇÃO NOGUEIRA DA SILVA

CÉSAR VALENÇA
MUSEU NOGUEIRA DA SILVA

«De todas as formas de Arte portuguesa é a Ourivesaria a que tem uma evolução completa, podendo, pelas suas relações com a Arquitectura e com a Escultura, com a opulência cultural e com sumptuária civil, e mesmo ainda com os ornatos populares, forma-se por ela a síntese do génio artístico português. A Ourivesaria entre nós foi o reflexo passivo da arquitectura, imitando mesmo a sua policromia nos esmaltes; o gosto ou estilo bizantino, as criações da construção gótica ou ogival, o misto da renascença greco-romana produzindo o gótico florido (a que em Portugal se chama o estilo manuelino), o barroco e rocóco da época jesuítica e pombalina, tudo isto aparece imitado nos inúmeros produtos da Ourivesaria portuguesa, conservados nos mosteiros, nos paços e nas casas fidalgas».

67

in «O POVO PORTUGUÊS»
por Teófilo Braga - 1885

A abertura, em 18 de Maio último de uma sala dedicada às pratas e marfins da colecção Nogueira da Silva, torna oportuna a divulgação de mais um conjunto que ultrapassou muito o interesse do que, à primeira vista, parecia ser pouco mais do que habitualmente é obrigatório na prataria de uma «boa casa», embora as pratas de uso sacro do espólio, desde sempre chamassem a atenção pela época recuada e pela beleza das formas.

A autoridade e justeza dos conceitos da Senhora Dr.^a Maria Emília Amaral Teixeira fazem incluir as palavras com que abre o artigo do catálogo «Ourivesaria do Norte de Portugal» «neste olhar breve», mas não definitivo, sobre a colecção de objectos de prata reunida pelo Senhor Nogueira da Silva.

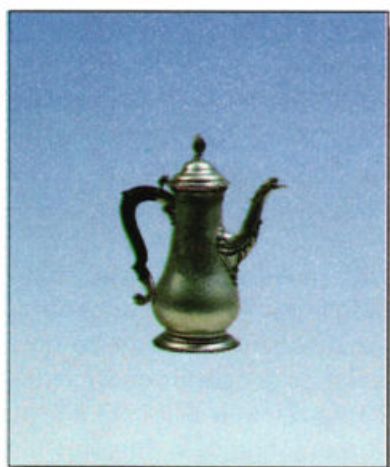
«-Ainda que com a frase «governar-se com a prata da casa», possa significar para alguém o enfrentar, com o que tem, uma situação de remédio, limitativa, não pode deixar de se afirmar que na velha e boa casa portuguesa a prata existia, em tanta e tal abundância e variedade de peças, que é verdadeiramente aliciante abordar este tema. «A prata da casa» era como o ouro da lavradeira nortenha, uma verdadeira reserva de capital».

Pelas razões apontadas e pelo prazer que o contacto com os objectos de qualidade dão, a prata era omnipresente nas casas da nobreza e da burguesia, sendo mesmo uma forma de se dar um determinado estatuto social a que se chamou «viver à lei da nobreza». O uso da prata nos objectos domésticos foi uma constante nas classes privilegiadas, não apenas em Portugal, mas em toda a Europa. Poder-se-ia dizer que até à Segunda Guerra Mundial o uso da prata na mesa era directamente proporcional ao estatuto social e económico dos donos das casas.

Na sociedade austera que era a portuguesa, mesmo nas classes abastadas, as pratas, como as jóias, representavam, como referiu Alçada Baptista, «pequena complacência» nos objectos de luxo que não implicassem gastos ou desvalorização. Ao escolher-se a prata para expôr, usou-se o critério do que pareceu mais representativo ou curioso, de entre o numeroso espólio, abrangendo do século XVI a XX. As reservas mantêm-se ricas de peças da Ourivesaria Leitão, da melhor qualidade e que só por si poderão um dia dar origem a uma exposição de prata do século XX.

Assim estão presentes as peças marcadas em Braga, como a Naveta (fig. 2 M.N.S. 728 OR 151), neoclássica dos meados do século XVIII, ou o Turibulo (fig. 3 M.N.S. 7261), também de desenho semelhante, mas já no fim do mesmo século, que são motivo de natural orgulho pela relativa raridade dos objectos contrastados nesta Cidade.

O núcleo da prata religiosa espanhola é sem dúvida um dos mais interessantes existentes no país. Os relicários-bispos de prata espanhola, notáveis como esculturas, proporções e beleza, pertencem ao primeiro quartel do século XVIII e ultrapassam de longe, em «panache» o Santo António seu contemporâneo que fazia parte da banqueta da Sé Nova de Coimbra e se encontra actualmente no Museu Machado de Castro. Os cálices da mesma origem, mas ainda da época gótica, são peças de maior interesse, como o Turibulo renascentista que os acompanha. Entre a prata inglesa refere-se a cafeteira armoreada do estilo Rocaille (fig. 10 de vitrina M.N.S.



4522 OR 24) fabricada em Londres em 1776. Vizinhos na vitrina, aproximados pela época e pelo estilo cosmopolita que foi o Rocaille, chama a atenção o cálice de prata dourada, do terceiro quartel do século XVIII, atribuível a João Coelho Sampaio, cuja semelhança de estilo pode ser cotejada com a caixa de esmolos da Sé do Porto do referido Artista (pag. 389 do catálogo «Ourivesaria do Norte de Portugal»).

A vitrina de prata do Neoclassicismo, além de um elegante e sóbrio gomil e Bacia, de fabrico da Europa do Norte, apresenta um par de castiçais em forma de coluna (fig. 17 M.N.S. 4854 OR 501), Porto, fins do século XVIII, muito semelhantes aos da fig. 63 do catálogo da exposição de «Arte Decorativa Inglesa» (F.R.E.S.S. 1958) que exemplifica a já desnecessária, por demais conhecida, influência do gosto britânico no Norte de Portugal. Na mesma vitrina, par de castiçais dos fins do século XVIII, inícios do século XIX, fabricado por Manuel Martins Fendas (M.N.S. 4855 OR 51/1), decorados com estrias torcidas e semelhantes à fig. 41 do catálogo da Exposição de Ourivesaria Portuguesa, Viana 1967. Um terceiro par de castiçais da mesma época, (fig. 20 M.N.S. 7409 OR 152) é semelhante à fig. 95 da obra «Ourivesaria Portuguesa nas Coleções Particulares».

Também do Neoclassicismo, o Biedermeier, de um gosto muito especial, do primeiro estilo considerado burguês nas artes decorativas, como o gótico terá sido na arquitectura, um bule de uma elegância de forma que nos faz antedatar os conceitos de Design e foi fabricado em Berlim cerca de 1830 (fig. 24 M.N.S. 71 OR 55/a).

A vitrina, dedicada ao século XIX romântico, tem objectos tão diversos de gosto como a heterogeneidade da época. Parece-nos que, entre as pratas portuguesas aí incluídas, é muito representativo um «escritório» do Porto fabricado em 1870/81, por Abel Augusto Lemos (fig. 33 M.N.S. 8166) e que não seria extemporâneo na secretária de um gabinete. Gabinete do Palácio da Pena.

Das pratas estrangeiras atrai, pela elegância «Mittel-Europa», a leiteira adornada com uma coroa fechada com trabalho guilhochado e asa empalhada, da segunda metade do século XIX que Isabel, a Imperatriz errante da Áustria, não desdenharia utilizar (fig. 28 M.N.S. 4873 OR 56).

Finalmente na montra dedicada ao século XX encontra-se um bule e açucareiro, Arte Nova Francesa, mas de cariz sóbrio que quase pertence à Arte Nova Rectilínea, embrião do posterior gosto dos anos 25, (fig. 35 M.N.S. 48330 OR 45/1 M.N.S. 4834 OR

45/2/a). As restantes peças pertencem à que foi uma das mais importantes Joalharias Portuguesas deste século; Leitão, Lisboa, e fazem parte da baixela Nogueira da Silva. Entre todas destaca-se, pela forma, a molheira (fig. 40 M.N.S. 4748 OR 42/18).

Termino com os votos de que este apontamento sirva como dinamizador da grande e urgente exposição de pratas do Norte de Portugal a efectuar no Museu Nogueira da Silva, cuja colecção, no dizer do refinado Artista e Joalheiro Dr. Manuel Ramos Pinto Rosas, co-autor do catálogo da «Exposição de Ourivesaria do Norte de Portugal» em 1984, não é apenas interessante mas ainda complementar das existentes nos outros museus e colecções do País.

Legenda das peças:

(Os objectos em prata foram fotografados pelo Sr. José Cristovam)

- 1 — relicário-bispo, 36cm x 86cm, 1.º terço do século XVIII
- 2 — Turíbulo, 12cm x 22cm, Braga fins do séc. XVIII
- 3 — Cafeteira Rocaille, 20cm x 25,5cm, Londres 1766
- 4 — Bule, 26cm x 23cm, Berlim cerca de 1830
- 5 — Tinteiro, 35cm x 22cm, Porto 1870/81
- 6 — Molheira, 18cm x 12,5cm, Ourivesaria Leitão, Lisboa anos 40
(largura x altura)

Bibliografia

- - «A Ourivesaria em Portugal»
João Couto / António Gonçalves
Livros Horizonte 1960
- - «A Linguagem dos Nossos Ourives»
Maria Leonor d'Orey
I.P.P.C.
- - «Catálogo de exposição de Arte Decorativa Inglesa»
F.R. Espirito Santo Silva - 1958
- - «Exposição Catálogo de Ourives Portugueses»
Manuel Gonçalves Vidal / Ferreira N. Almeida
Imprensa Nacional da Casa da Moeda
- - «Exposição Catálogo de Ourivesaria Portuguesa»
Viana 1967
- - «Ourivesaria do Norte de Portugal»
ARPPA / AIORN - 1984
- - «Ourivesaria Portuguesa nas Colecções Particulares»
Reinaldo dos Santos / Irene Quilho
Lisboa 1971
- - «Styles, Meubles, Décors»
Pierre Verlet - Larousse 1971

